

INFLUÊNCIAS POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICAS, ABSORVIDAS DURANTE O PENSAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA OPÇÃO BRASILEIRA E IMPERIALISTA

Luís Claudio Reginato Carvalho¹

Resumo: Tenho como objeto de pesquisa de mestrado, a planificação econômica sua implementação no século XX na década de 60 por países periféricos, como por exemplo o Brasil, e que assim desencadearia uma grande revolução permanente chegando aos países centrais, ou considerados metrópoles, que pelo estudo apresentado por Mário Pedrosa, em seus livros: "A Opção Brasileira" e "A Opção Imperialista".

Que me chamou a atenção num certo momento de sua obra, Mário como poucos estudiosos, investiga, pesquisa e acredita que poderemos superar o capitalismo com uma figura diferente na dialética histórica. Ele estava falando sobre o imbricamento das economias soviéticas e americanas, e através da fusão das idéias das grandes corporações americanas com a uma economia planejada na União Soviética. O tempo sempre ele, vem nos mostrar que por outro lado os defensores do neoliberalismo, já tinham planos e estratégias bem definidas para essas corporações, e a perpetuação do modelo capitalista, e assim podemos ver o que acontecerá naquele momento até hoje.

O debate atual está aberto, e assim podemos perguntar qual a grande preocupação do Capitalismo em seu estágio atual, se é que num planeta considerado jovem como o nosso, ou como as grandes corporações que não escutam as reivindicações sociais, e assim muitas delas em breve serão a imaginária paisagem de uma lembrança, ou ainda em que o lucro continue sendo fundamental mas com o propósito social.

Palavras-chave: Capitalismo, Marxismo, Sustentabilidade, Economia, Sociedade

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Econômica, FFLCH/USP

1. Iniciando o assunto, uma ideia construída em muito tempo:

A) Visão do intelectual

Mário Pedrosa é o meu objeto de estudo no mestrado de História Econômica no departamento de História na USP. Nesse estudo procuro aprofundar o *Comunista, Advogado, Jornalista, Agitador, Crítico de arte, e Intelectual Pensador*.

Mário me chamou a atenção num certo momento de sua obra, como poucos estudiosos, ele investiga, pesquisa e acredita que poderemos superar o capitalismo com uma figura diferente na dialética histórica. Ele falava sobre o imbricamento das economias soviéticas e americanas, e através da fusão das ideias das grandes corporações americanas com a uma economia planejada na União Soviética.

O tempo, sempre ele, vem nos mostrar que por outro lado, os defensores do neoliberalismo já tinham planos e estratégias bem definidas para essas corporações, e a perpetuação do modelo capitalista. Assim podemos ver o que aconteceu naquele momento até hoje. Fazia a defesa das possibilidades concretas e características comuns para uma síntese superior entre os grandes trustes soviéticos e os grandes monopólios da economia dos EUA. Sob essa base, por fim, são apresentadas as ideias originais propostas para o que o autor chamou de “economia de transição” no Brasil e que deveria incorporar a elaboração de um amplo processo democrático de construção das prioridades para uma futura economia planejada no país.

B) Corporações

Criada em 1972 pela fusão de três diferentes organizações que compartilhavam a crença de que o setor empresarial deveria desempenhar um papel ativo no desenvolvimento de políticas públicas.

Desde então, teve uma participação importante na aprovação e veto de uma série de propostas legislativas.

Em 1975, por exemplo, suas atividades de lobby foram consideradas fundamentais para derrubar uma proposta que buscava reformar as regras antimonopólio para permitir aos procuradores-gerais dos 50 Estados americanos processar empresas em nome dos cidadãos.

Desde 1978 essa associação declara que os princípios de governança corporativa, é o de dar respaldo ao conceito de primazia do acionista. Visão defendida pelo controverso e renomado economista Milton Friedman, em que afirma em um artigo no jornal The New York Times, que “a responsabilidade social de uma empresa é gerar lucro”.

Segundo o economista, *"Em um sistema de livre comércio e propriedade privada, um executivo corporativo é um funcionário dos donos da empresa. Ele tem uma responsabilidade direta com seus empregadores."*

"Essa responsabilidade significa fazer negócios de acordo com seus desejos, que geralmente se resumem a fazer o máximo de dinheiro possível, respeitando as normas básicas da sociedade, tanto aquelas incorporadas nas leis quanto as entremeadas nos costumes éticos", escreveu Friedman.

A crítica ocorre no momento em que empresas americanas ofereciam excelentes planos de aposentadoria aos altos funcionários, e faziam doações importantes para as comunidades, isso fez com que fosse gerada aos gestores críticas por trabalhar mais em benefício próprio do que a favor dos acionistas.

Em 1982, o grupo se opôs às metas de déficit fiscal propostas pelo governo do então presidente Ronald Reagan. Nos anos 1990, se mobilizou para fazer com que o governo de George H.W. Bush promovesse o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Naf-ta) com o México e o Canadá.

Nos últimos tempos, a Business Roundtable tem defendido uma reforma migratória que abra as portas e facilite a entrada e permanência não só de mão de obra qualificada, mas também de trabalhadores agrícolas nos Estados Unidos.

A mudança de visão do grupo em relação ao propósito de suas corporações, anunciada nesta semana, foi recebida com certo ceticismo.

Business Roundtable (BRT) - vulgarmente conhecida como a Távola Redonda das megaempresas, é o principal lobby empresarial norte-americano. *JPMorgan, Apple, Walmart, Amazon, Chase, ExxonMobil, Ford, AT&T, General Electric, Blackstone, e Alcoa*, são alguns dos membros desse seleto grupo. Juntas, somente essas companhias têm mais de 15 milhões de funcionários e faturamento anual superior a US\$ 7 trilhões. Se fossem analisadas de grosso modo seriam por questões distintas como terceiro PIB, somente sendo ultrapassadas pelos dos EUA, e da China, que são superiores em arrecadação. Essa associação sem fins lucrativos sediada em Washington, com seus membros, que são CEOs, diretores executivos de grandes empresas americanas, e que promovem políticas públicas em nome da associação.

2. Capitalismo Monopolista

Qual é atualmente a exigência da sociedade global para com esse grupo de multibilionários americanos? Alguns dizem que a resposta é o respeito pelo meio ambiente com posicionamento mais conciliador, e que traga a harmonia desse grupo com a opinião pública. Podemos afirmar, que ainda dentro desse conceito REFORMISTA, também encontramos medidas que melhorem a vida do cidadão como exigência para com essas companhias.

Numa visão liberal no mundo contemporâneo, existem dois tipos de capitalismo:

- A) Aquele que gera valor para a sociedade.
- B) O que espolia a sociedade.

Muitos são os que acreditam na desregulação do Estado e que o neoliberalismo traria a prosperidade a todos. Conforme a revista *The Economist* a influência e poder de decisão dos sindicatos caía, os lucros empresariais saltavam de 5% ao ano em final da década de 80, para 8% para em nossa época.

O pensamento se estabelece através do conceito de neoliberalismo do Prêmio Nobel em Economia, o professor da Universidade de Chicago, Milton Friedman, defendia que os interesses e as primazias das grandes corporações deveriam ser sustentados pelo empregado dos acionistas, o CEO da empresa. E que mais ainda, esse executivo tinha uma responsabilidade direta com seus empregadores para que obtivesse o maior ganho possível em dividendos e lucros, e que se confirma na publicação de um artigo no *The New York Times*, em que resumo diz: "a responsabilidade social de uma empresa é gerar lucro".

Seus críticos apontavam para a cobiça das grandes empresas pelo ganho se guiando pela avareza, e que segundo Friedman o mundo se guia através de indivíduos que perseguem interesses diferentes. Tentam agora, redefinir o propósito de uma empresa, com um discurso mais social, em que os lucros dos acionistas passam a ser um objetivo a mais, e fala-se em "proteger o meio ambiente, e assim, fomentar a diversidade, a inclusão, a dignidade e o respeito". A preocupação é criar valor para todos os grupos de interesse. Dessa forma, teremos um capitalismo menos selvagem e mais sustentável e inclusivo, bradam os defensores neoliberais. Só não se sabe como conseguirão tão bons propósitos.

Como proposta a longo prazo, existe um novo posicionamento sobre o objetivo das corporações, a Business Roundtable se compromete com cinco pontos específicos:

- Entregar serviços ou bens de valor aos clientes.
- Investir nos funcionários e recompensá-los de maneira justa.
- Negociar de forma justa e ética com os fornecedores.
- Apoiar as comunidades em que as empresas estão inseridas.
- Gerar rentabilidade de longo prazo para os acionistas.

O debate atual está aberto, e assim podemos perguntar qual a grande preocupação do Capitalismo em seu estágio atual, se é que em um planeta considerado jovem como o nosso, ou como as grandes corporações que não escutam as reivindicações sociais, e assim muitas delas em breve serão a imaginária paisagem de uma lembrança, ou ainda em que o lucro continue sendo fundamental, mas com o propósito social.

Objetivo de uma corporação:

Em 19 de agosto de 2019, a Rodada de Negócios divulgou uma nova "Declaração sobre a finalidade de uma corporação". Assinado por quase 200 diretores executivos, incluindo Jeffrey Bezos, da Amazon, Tim Cook, da Apple, Mary Barra da General Motors e Safra Catz da Oracle, o grupo procura "se afastar da primazia dos acionistas", um conceito que existia em princípios do grupo desde 1997 e passa a "incluir compromisso com todas as partes interessadas". Ele observa que "as empresas desempenham um papel vital na economia" por causa dos empregos, promovendo a inovação e fornecendo serviços essenciais. Mas coloca os interesses dos acionistas no mesmo nível dos clientes, funcionários, fornecedores e comunidades. "Cada um de nossos stakeholders é essencial", afirma o comunicado. "Comprometemo-nos a agregar valor a todos eles, para o sucesso futuro de nossas empresas, comunidades e país."

Ocorreu que em meados de 1966 Mário Pedrosa escreve os livros: *"A Opção Brasileira e A Opção Imperialista"*.

Com uma forte influência direta do pensamento dos economistas neomarxistas Paul Baran e Paul Sweezy, que escreveram o livro *"Capitalismo Monopolista"*, esse livro influencia muito as ideias no sentido político, social e econômico, de Mário Pedrosa.

Paul Baran, russo de nascimento e que conhece depois de formado na década de 20 ao também economista soviético Preobrajenski que era membro do comitê central do partido na URSS, que também participava da Esquerda Unificada. Conheceu também a Rudolf Hilferding, que foi autor do livro *o Capital Financeiro*. Foi professor em Harvard, além de Stanford, Universidade de Washington.

Paul Sweezy, foi um economista marxista estadunidense, "o mais importante intelectual marxista do país", segundo publicado pelo New York Times em seu obituário. Vítima da perseguição do Macartismo. Lecionou em Yale, Stanford e Harvard.

Em *o Capital Monopolista*, cita Lenin que definiu o imperialismo como a fase monopolista do capitalismo.

Também define que Marx, previu a derrocada do capitalismo ainda quando este se encontrava na sua fase competitiva (da livre concorrência), análise feita sobre a Grã Bretanha.

Já Baran e Sweezy fazem uma análise sobre o capitalismo monopolista que ocorre nos EUA., este sendo sucessor do anterior.

O estudo estará centrada na criação e absorção do excedente, num regime capitalista monopolista.

A princípio, as grandes companhias americanas eram do ramo finanças e das ferrovias.

Explica o surgimento do magnata, ou o dono da empresa, que depois será substituído pelo homem da organização (executivo ou gerente), que agia de dentro da empresa (administração interna) contrário do primeiro, assim busca a maximização do lucro e a otimização geral, objetiva a acumulação de recursos.

O uso dos lucros propicia o acesso a fundos externos, e a expansão ocorre através de fusões e aquisições que tornam as companhias cada vez maiores.

O capitalismo monopolista é constituído de empresas gigantes.

Fazem a análise da lei antitruste, e observam que uma companhia líder de um setor produtivo, pode estabelecer o preço a ser seguido pelos demais, pois quem faz o preço, decide quanto vai cobrar pelos seus produtos.

Contestam Schumpeter pois, a longo prazo, a competição de preços perde a importância em função do surgimento de novas tecnologias e inovações diversas (o “vento perene da destruição criadora”).

Trata também da absorção do excedente, mas não garante o consumo e o excedente, e gera estagnação.

Os autores dizem que o capitalismo monopolista interfere na forma pela qual o Governo gasta seus recursos citando o clássico dilema:

- Gastos com o bem-estar social, de um lado, e Gastos militares, de outro. Como exemplo do primeiro tipo de gastos, é citada, pela sua magnitude, a política do New Deal, considerada pelos autores como "um fracasso evidente". Em contrapartida, os gastos com a Segunda Guerra Mundial trouxeram os benefícios desejados e acabaram com a "Grande Depressão".
- Critica também a qualidade de vida na sociedade capitalista e as desigualdades latentes: situação da pobreza, habitação, educação, saúde, família.

Análise das relações raciais dentro do capitalismo monopolista, afirmam que o problema racial nos Estados Unidos foi criado por esse sistema.

No século XIX, a demanda por força de trabalho era atendida pelos imigrantes. Com as barreiras à imigração europeia e a migração dos negros do campo para as cidades, a população negra passou a ser direcionada para os pequenos trabalhos da empresa capitalista, sua situação de figurava no nível mais baixo da escala econômica urbana e permaneceu década após década.

A importância do militarismo e a posição estadunidense perante as outras Nações, em que se coloca na posição de grande potência militar, e também Líder e defensora do mundo capitalista contra o comunismo na guerra fria contra a agressão soviética, de capitalismo monopolista em sua forma multinacional.

Citam o caso da Standar Oil de New Jersey, com refinarias em Cuba tinha um sistema de distribuição que em Cuba, a subsidiária cubana da Standar Oil comprava óleo cru da Creole Petroleum, subsidiária venezuelana da Standar Oil, e assim os preços eram mantidos altíssimos por causa do cartel.

Com a Revolução Cubana as propriedades foram nacionalizadas e as lucrativas operações envolvendo dois países cessaram, sendo que em nenhuma dessas operações foram envolvidas exportações e importações aos Estados Unidos. No entanto, o governo americano e a Jérsei resolveram combater a Revolução Cubana.

2- Os grandes economistas influenciadores do início do Século XX:

Quem foram os pensadores, economistas e políticos que influenciam essa vertente, escreve sobre o Imperialismo e os Monopólios, que nos trazem um ponto de vista sobre o assunto:

- John Hobson: mais conhecido por seus escritos sobre o Imperialismo, que influenciaram Vladimir Lenin e outros marxistas, começou a formar a ideia de que o imperialismo era o resultado direto das forças em expansão do capitalismo moderno.

A unificação dos espaços econômico continental americano que contribuíram decisivamente para as ferrovias, em torno das quais se organizaram as operações mercantis e financeiras das primeiras grandes corporações.

África do Sul:

Escreve sobre acreditar em que os donos das minas, como Cecil Rhodes, que queria o controle do Transvaal, na vanguarda, estavam manipulando os britânicos para combater os bôeres, para que pudessem maximizar seus lucros com a mineração. Seu retorno à Inglaterra foi marcado por sua forte condenação

Hobson percebe que o capitalismo monopolista tem como sua sede privilegiada os EUA, como o centro dominante do capitalismo moderno, se deslocando da Europa (Grã Bretanha). Sendo os EUA o país do capitalismo monopolista, suplantando aquele capitalismo da livre concorrência.

John Atkinson Hobson nasceu na Inglaterra em 1858 e com seus estudos, se tornou um dos intelectuais pioneiros da economia moderna e o criador do termo Imperialismo.

Estudou literatura, filosofia e estudos clássicos na Universidade de Oxford e lecionou na mesma universidade, bem como na de Londres, literatura inglesa e economia.

Seus primeiros livros têm o propósito de explicar aos trabalhadores – maioria entre seus alunos – o funcionamento da sociedade industrial em que viviam e trabalhavam, a fim de lhes sugerir maneiras de melhorar sua situação.

Considerado um liberal de esquerda, dedicou-se a partir de 1897 a escrever livros, artigos e a dar conferências ao grande público sobre questões econômicas e sociais. Seus artigos em jornais liberais da época analisavam fatos políticos diários e suas consequências econômicas e sociais, com o objetivo reformista de solucionar o problema da pobreza, da distribuição de riqueza, do bem-estar da maioria da população, etc. Hobson estudou intensamente o desenvolvimento histórico da dinâmica da economia capitalista com o intuito de reformular as teorias e o enfoque de toda ciência econômica. Para ele, era necessário antes de qualquer coisa perseguir o bem-estar humano e vinculá-lo ao progresso econômico. Pacifista e crítico das guerras expansionistas.

Para ele o Imperialismo não é um negócio rentável a nenhum país, a não ser para grupos financeiros, especuladores na bolsa e investidores, a quem ele chama de parasitas econômicos do Imperialismo, esses círculos de poder tem o objetivo de colocar vantajosamente no exterior o excedente ocioso de capital que não se pode investir lucrativamente no país, e isso ocorre por que as empresas monopolizadas não permitem mais vender a preços lucrativos.

- Rudolf Hilferding: Economista austríaco, tem como previsão a acumulação sob a direção de uma "capital unificado", prelúdio da transição ao socialismo. A mesma ideia de destino permeia as teorias contemporâneas da ruína e da própria visão de Lênin do estágio monopolista e financeiro como "fase suprema" – isto é, última – de um capitalismo que se tornou incapaz de promover o desenvolvimento das forças produtivas e, por isso, morto para a história, ou, melhor, já "putrefato".
- Vladimir Ilich Lenin, no livro: Imperialismo, o estágio mais alto do capitalismo (1916) - que provavelmente foi um dos seus trabalhos mais influentes nos estudos marxistas posteriores - fez uso extensivo do Imperialismo de Hobson, observando no prefácio de seu livro, "Eu fiz uso do principal trabalho inglês, imperialismo, O livro de J. A. Hobson, com todo o cuidado que, na minha opinião, esse trabalho merece." No trabalho em si - apesar de discordar da política liberal de Hobson - e Lenin cita repetidamente a interpretação de Hobson sobre o imperialismo:

Vemos que Kautsky, enquanto afirma que continua a defender o marxismo, na verdade dá um passo atrás em comparação com o social-liberal Hobson, que mais corretamente leva em conta duas características "historicamente concretas" [...] do imperialismo moderno: (1) a competição entre vários imperialismos e (2) a predominância do financista sobre o comerciante.

Lenin descreve que o fim do Capitalismo com decadência e ruína. Em O Imperialismo, fase suprema do capitalismo, Lênin impõe uma convivência forçada a dois represen-

tantes dos pensamentos opostos ao seu em questão, e que são, os economistas, Hilferding e Hobson.

Ele retoma, de fato, como se sabe, a definição de Rudolf Hilferding do "capital financeiro" como "capital unificado" ("Capital financeiro significa capital unificado. Os setores do capital industrial, comercial e bancário, antes divididos, são postos sob a direção comum das altas finanças"), associando a eles, no entanto, a opinião negativa expressa por John Hobson sobre as finanças "parasitárias". John Hobson considera o fenômeno do Imperialismo com um desajuste temporal e uma enfermidade com cura do capitalismo da época.

3. Conclusão da apresentação:

Sob essa base sólida de grandes monopólios capitalistas em nosso ambiente, por fim, são apresentadas as ideias originais propostas para o que o autor chamou de “economia de transição” no Brasil e que deveria incorporar a elaboração de um amplo processo democrático popular de construção das prioridades para uma futura economia planejada no país, pertencente à periferia mundial, que gabaritava o país, como modelo importante para o desfecho de uma nova sociedade mais igualitária.

Como pudemos ver, o tempo, sempre ele, veio nos mostrar que por outro lado, os defensores do neoliberalismo já tinham planos e estratégias bem definidas para essas corporações, e a perpetuação do modelo capitalista.

Com a permanência do neoliberalismo, durante as últimas décadas, milhões de pessoas notaram que, apesar de terem trabalho, este é insuficiente para permitir uma vida digna; que a ascensão social se desacelerou; que a desigualdade é enorme; que a ganância tem sido o verbo mais conjugado pelas finanças, e que a crise climática poderia deixar um futuro abrasado de cinzas para nossos filhos e netos.

Dessa forma pergunto: “com o mundo em que vivemos, o ser humano tem o porquê de se sacrificar, e para que”?

Referências Bibliográficas

- HILFERDING, Rudolf. (1910) O Capital financeiro. São Paulo: Nova Cultural, col. Os Economistas, 1985.
- HOBSON, John. A.. Estudio del Imperialismo. Madrid: Alianza Universidad, 1981.
- LENIN, V.I. Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. São Paulo: Centauro, 2005.
- BARAN, Paul; SWEEZY, Paul (1966) CAPITALISMO MONOPOLISTA - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana. Ed. JORGE ZAHAR col. Biblioteca de Ciências Sociais.

PEDROSA, Mario, “A opção Brasileira”, Rio de Janeiro-exemplar nº2057, Ed. Civilização Brasileira S/A, em 1966.

PEDROSA, Mario, “A opção imperialista”, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S/A em 1966.

PEDROSA, Mario, “Entreguismo e nacionalismo”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, anoLXIX, nº179, pp.3 e 8 (do segundo caderno). 2 de agosto de 1959. (FNB)

PEDROSA, Mario, “O partido do gabarito curto”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano, LXIX, nº1, p.3. 1 de janeiro de 1960.

TROTSKY, Leon; “A revolução Permanente”; tradução de Hermínio Sacchetta- 1ª edição- São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____, “A Revolução Traída”, São Paulo, Editora Sudermann, 2005.

SCHUMPETER, Joseph Alois, “Capitalismo, Socialismo e Democracia”, São Paulo, Editora Unesp, 2017.